

Sociedade



LEI CANÔNICA

Papa amplia funções femininas na Igreja

Mulheres poderão ministrar comunhão no altar, mas seguem sem rezar missas: oglobo.com.br/sociedade

NO AUGUE DA PANDEMIA

Sob pressão, Inep mantém Enem neste mês e preocupa famílias

BRUNO ALFANO E RAPHAEL KAPA
sociedade@oglobo.com.br

“É impossível ter segurança total mesmo com todas as medidas propostas. O ideal seria adiar a prova”

Leonardo Weissmann,
infectologista

“Se for adiado novamente, vamos ter consequências terríveis. Não haverá alunos ingressantes no 1º semestre”

Solón Caldas,
representante das instituições privadas de ensino superior

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), marcado para começar no próximo domingo, acontecerá presencialmente, em meio a um novo pico da Covid-19 no Brasil, apesar da pressão de infectologistas, associações científicas e estudantes por um novo adiamento da prova, que ocorreria em novembro passado.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) não pretende mudar as datas dos exames — que acontecem presencialmente nos dois próximos domingos, e virtualmente nos dois domingos seguintes —, mesmo após perder um diretor para a doença.

Morreu ontem, aos 59 anos, em Curitiba, Carlos Roberto Pinto de Souza, diretor de Avaliação da Educação Básica, responsável pela realização do Enem. O GLOBO confirmou com fontes ligadas ao diretor que ele morreu após contrair o coronavírus. O Inep não informou a causa.

Na avaliação do médico Ricardo Schneckenberg, pesquisador da Universidade de Oxford que fez parte do grupo de resposta do Imperial College analisando dados do Brasil no ano passado, a manutenção da data é um “absurdo do ponto de vista sanitário”.

— Quem vai realizar uma prova tão importante, vai acordar com tosse seca e cansada e não vai fazer o exame? Fora o risco dos assintomáticos — afirmou, em entrevista ao GLOBO, na semana passada. — E como isolar os grupos de risco em casa se os filhos e netos estão indo fazer o Enem?

Esse dilema vai tirar Victória Raposo Gallo, 19 anos, da prova. A moradora de Teresópolis vive com a mãe, hipertensa de 52 anos, e não fará o exame caso ele não seja adiado.

— Mais vale entrar numa universidade mais tarde do que arriscar a vida da minha mãe — diz.

O vestibular da Fuvest, realizado anteontem, comprovou que este é um ano atípico. A taxa de abstenção na prova,



LEANDRO FERREIRA/FOTOGRAFIA

principal meio de ingresso na Universidade de São Paulo (USP), foi de 13,2%, contra 7,9% do ano passado. As medidas de segurança eram similares às do Enem, como obrigatoriedade de máscaras e distanciamento social.

Daniela Santiago, de 47 anos, tem dois filhos inscritos no Enem. Ela também teme que os estudantes se contaminem e levem a doença para casa:

— É óbvio que deveria ser adiado. Estamos de quarentena há quase um ano e agora eles têm que ir se expor num momento perigoso.

Na última semana, a Defensoria Pública da União fez um pedido à Justiça para que o Enem não ocorra em janeiro.

— Quem disse que não tem segurança sanitária para a aplicação da prova são as autoridades científicas — afirma João Paulo Dorini, defensor público federal autor da ação.

Também defenderam o adiamento, na última sexta-

feira, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação e a Associação Brasileira de Saúde Coletiva, com outras 44 entidades científicas, em uma carta aberta endereçada ao ministro da Educação, Milton Ribeiro.

Segundo o grupo, é quase “unânime a previsão de que haverá um salto (de casos) nas próximas semanas como resultado da grande exposição recente”, no fim de ano.

Segundo Leonardo Weissmann, consultor da Sociedade Brasileira de Infectologia, o Enem, com 5,7 milhões de inscritos, tem potencial de se tornar um evento de supercontaminação da Covid-19.

— O exame mobilizará milhões de pessoas, com a possibilidade de aglomerações, além de deixar os candidatos fechados dentro de uma sala durante horas. É impossível garantir segurança total, mesmo com todas as medidas pro-

postas. O ideal seria suspender momentaneamente a prova.

Em nota, o Inep afirma que foram estabelecidas regras específicas para reduzir aglomerações, que R\$ 64 milhões estão sendo destinados às medidas de prevenção, como compra de álcool em gel, e que a ocupação das salas será de 50%, para manter o distanciamento entre candidatos.

ADAPTAÇÕES

Países como Índia, China, França, Reino Unido e Estados Unidos cancelaram avaliações nacionais de ingresso no ensino superior por conta da Covid-19. Nos EUA, universidades importantes como Harvard e Columbia estão alterando seus modelos de seleção por conta da pandemia. A nota do SAT (prova similar ao Enem, mas aplicada sete vezes ao ano) não é mais requisitada. Por outro lado, aspectos como entrevista e cartas de recomendação passaram a

ser mais valorizados.

No Brasil, Solón Caldas, diretor da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior, afirma que um novo adiamento do Enem vai causar “consequências terríveis”.

— Segundo uma pesquisa da associação, 70% dos alunos que pretendem ingressar no primeiro semestre vão aguardar o resultado do Sisu (ou seja, se entraram em uma universidade pública) para tomar a decisão de se matricular ou não em uma privada — afirma Caldas. — Isso significa que nós não vamos ter ingressantes no primeiro semestre.

Já a Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior afirmou que não se manifesta sobre a data do Enem, mas que é preciso garantir “condições de biossegurança dos candidatos e profissionais envolvidos”.

Colaboraram Giuliana Toledo, de São Paulo, e Paula Ferreira, de Brasília

Tensão.

Estudante faz a prova da Fuvest, anteontem, em São Paulo: Enem seguirá medidas semelhantes, exigindo distanciamento e uso de máscaras; abstenção no exame paulista foi de 13,2%

A HORA DA CIÊNCIA



Margareth Dalcolmo
Cientista e pneumologista da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz



Sofismas em excesso

Impressionam de verdade neste cenário pandêmico o número, a frequência, a intensidade e mesmo a inoportuna insistência com que alguns peroram, sem pudor, sobre teses, “protocolos” e fórmulas de “tratamento precoce” para a Covid-19. Mais grave ainda é vê-las proliferar com a anuência e beneplá-

cito inclusive de políticos e prefeituras, que distribuem o que já denominei de “saquinhos de ilusão”, contendo uma panaceia de remédios, que mistura antibióticos, corticoides, vermífugos, vitaminas, zinco, até a obsoleta cloroquina, para uma suposta prevenção de agravamento da doença. Tristes, testemunhamos as mortes de alguns defensores dessas prescrições, quase como seita.

Digo que o fazem despudoradamente. Após quase um ano, a literatura médica e relatos de cientistas de grande capacidade já publicaram estudos bem conduzidos revelando a inocuidade da maioria desses fármacos. Além disso, tivemos um enorme aprendizado nesse período quanto à evolução clínica, os fatores de risco (como idade, obesidade e doenças cardíacas), as fases da doença, o momento de se iniciar e as condições para o uso de fármacos como anticoagulantes, corticosteroides, antibióticos e imunobiológicos.

Somam-se ainda procedimentos de otimiza-

ção de ventilação não invasiva, posição prona mesmo para casos moderados, e uso de oxigenação de alto fluxo — medidas terapêuticas exitosas se conduzidas por equipe multidisciplinar como desejável. Cada vez mais se sedimenta o conhecimento de que o que salva

vidas mesmo, em casos graves, são as chamadas boas práticas de terapia intensiva, exercidas por equipes treinadas e qualificadas para essas práticas.

O sofisma é persuasivo desde os gregos, no grande século V a.C., de Péricles. Convincente, sua retórica proclamava a verdade como necessariamente relativa, mutável, plástica. Em tempos de pandemia, o ambiente não é o da ágora ateniense, instando à reflexão, mas de baixa consciência crítica de quem fala e sobretudo da massa que ouve. É prática perigosamente sedutora, em especial

quando se trata de doenças, onde a lógica é haver uma solução medicamentosa, para virtualmente qualquer uma. Desconstruir esse modelo exige atenção e cuidado com o outro.

Pesquisadores da Universidade Cornell, ao final da década de 1990, criaram o conceito hoje denominado Efeito Dunning-Kruger — ou, em termos mais laicos, síndrome do impostor. É o fenômeno que descreve pessoas com pouco conhecimento de um determinado assunto e que acreditam em outras, supostamente mais qualificadas. Por falta de senso crítico ou mensuração de sua própria inabilidade para o que tratam, encontram eco em suas teses e permanecem nelas, de modo acrítico. A verdade é que, quanto menos se sabe de um determinado assunto, menos se percebe o que não se sabe, e portanto se acha que tudo sabe.

Esse é um dos perigos em um momento tão difícil e doloroso como o que vivemos, em que ceder à tentação de exercer um determinado poder, se valendo da credulidade de muitos, pode custar vidas.